

CURTAS

RAINHA

RAINHA (2016) É MEU SEXTO FILME de curta-metragem e o sétimo da minha carreira de cineasta independente, iniciada em 2006. E lá se vão 11 anos vivendo, trabalhando e respirando cinema profissionalmente. Quase um milagre, em se tratando de uma mulher negra no Brasil. E muito além do ideal, se pensarmos que, na metade do tempo, muitos homens brancos e mulheres brancas já filmaram seus primeiros e segundos longas, com todos os patrocínios e incentivos do Estado. Filmes esses que, na maioria dos casos, não trazem grandes prêmios nos maiores festivais internacionais e sequer figuram no topo das bilheterias brasileiras. São filmes mais falados do que vistos. Mas eu acredito mesmo que o tempo é o senhor da razão.

Rainha vem coroar uma maturidade de estilo que me prepara para esse desafio ainda maior que está em iminência – o da realização do meu primeiro longa de ficção. Em dado momento, quando estávamos na ilha de edição, eu e Antoine Guerreiro do *Divino Amor* – o montador-mágico-artista de *Rainha* – nos deparamos com o dilema: e agora? Vai ser um longa ou um curta? Eram muitos fotogramas belíssimos que, injustamente, ficaram de fora do corte final. As imagens captadas com sensibilidade e paixão por Julia Zakia eram muito mais fortes do que a indicação do roteiro, avisando em suas 30 páginas que o filme se tratava de um curta-metragem. Mais um curta. Mas e aquelas imagens belas podendo ser usadas também? E aquele tanto de silêncio e história e música que poderiam ser prolongados? E a vontade toda de lançar um longa sobre a saga da aspirante a rainha da bateria? E a ansiedade louca em mostrar personagens que foram cortados da versão final por causa da duração do filme? Ficamos eu e Antoine por, pelo menos, dois dias ruminando se deveríamos assumir um filme de longa-metragem de, pelo menos, 70 minutos ou se honraríamos a decisão original do roteiro de não ultrapassar o limite de 30 minutos.

No final, prevaleceu o “bom senso”, se é que podemos falar assim. *Rainha* é um curta longo e é bom que tenha sido assim. A narrativa do filme navega com facilidade durante a meia hora que lhe é dada. Ao mesmo tempo,

apesar de ainda estar dentro dos limites de duração que definem os filmes de curta-metragem (de modo geral, estipulou-se como “curtas” todos os filmes que tenham duração inferior a 50 minutos), *Rainha* já não tem mais o “tempo” de um curta e aquela percepção de brevidade das coisas foi ampliada para algo mais gentil para com o período da história que é contada. O filme se demora sem sofrimento. Por isso, *Rainha* é a preparação para o meu primeiro longa. E não somente por uma questão de “tempo espaçado”, mas, também, porque o filme aglutina um olhar e uma estética que vem se definindo, estética que venho buscando nesses últimos 11 anos como realizadora de curtas e um média e numa vida inteira como simples observadora das coisas.

Rainha é um filme sobre ser mulher, sobre ser mulher e negra, sobre ser mulher, negra e brasileira, e, sobretudo, sobre querer ser A MULHER. Num mundo onde mulheres são objetificadas todo o tempo, seja pela mídia, por homens, pela sociedade e até mesmo pelas próprias mulheres que reproduzem um ciclo de opressões que as aprisionam, pode ser libertador buscar a sua individualidade e potencializar a sua magnitude num



desejo de ascensão, na busca pelo brilho. Não há nada de errado em querer brilhar. Todos nós nascemos para isso e desejamos ou, pelo menos, deveríamos desejar sempre o triunfo. Mas vivemos em uma sociedade moldada pela culpa cristã que se alinha com hipocrisias. Ao mesmo tempo que nossa sociedade venera o triunfo e os triunfadores, condena os seus aspirantes, principalmente quando esses desejam triunfar em voz alta. Sobretudo, quando desses aspirantes nada se espera a não ser a queda. E, geralmente, é isso o que se espera de mulheres jovens, negras, periféricas, cujo destino final parece já estar traçado no subconsciente social. Delas, quase nada se espera para além da maternidade precoce, dos subempregos subservientes e da solidão.

Rita, a moça do filme, a protagonista de *Rainha*, ousa sonhar em alto e bom som. E seu sonho não é nada modesto. Rita não quer nada menos do que setornar a rainha da bateria da escola de samba de sua comunidade. Durante o ano todo ela transforma sua vida em uma – ca da vez mais – árdua via-crúcis rumo a um apogeu que nunca vem. Ou pelo menos parece nunca vir. A epopeia da nossa heroína foi lindamente fotografada em preto

e branco, como falei antes, pela parceira Julia Zakia. É um carnaval sem cores, um carnaval documentado, neorrealista, atemporal. Um carnaval de sombras, contrastes, estruturas, realces, brilhos. Um carnaval melancólico, porém não triste. Jamais.

Rainha foi rodado integralmente em Cataguases, Minas Gerais, e foi realizado graças ao edital da Usina Criativa de Cinema, do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais, na categoria diretora convidada, e com patrocínio do grupo Energisa, via Lei de Incentivo do Estado do Rio de Janeiro.

**SABRINA FIDALGO é uma premiada realizadora brasileira natural do Rio de Janeiro. Seus filmes já passaram em mais de 80 festivais nacionais e internacionais em lugares como Los Angeles e Nova Iorque (EUA), Munique e Berlim (Alemanha), Tóquio (Japão), Praia (Cabo Verde), Maputo e Cabo Delgado (Moçambique), Acra (Gana), entre outros. Seu último trabalho é o curta-metragem Rainha, que acumula até o momento cinco prêmios, incluindo o de Melhor Filme pelo Júri Popular do Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro - Curta Cinema.*

